

Mocim

16 votos a favor
3 abstenções
J.C.



Bloco de Esquerda

Senhor Presidente da Assembleia de Freguesia, Senhor Presidente da Junta, Executivo, eleitos, público

Comemoramos este ano 42 anos do 25 de Abril. Relembro o entusiasmo do povo, liberto de um regime opressor, das cadeias, da polícia política, de uma guerra injusta que levava os nossos jovens para terras alheias "lançar sementes de morte", como diz o poeta, guerra que envergonhou o nome de Portugal.

Relembro o entusiasmo de um povo que exigia aquilo a que todos os povos têm direito: uma vida digna, com direitos até aí negados - "pão, habitação, saúde, educação" - e sem os quais não há "liberdade a sério".

Esses direitos não foram dados sem luta. Essa luta travou-se nas empresas, nos campos e nas ruas. O povo pôde organizar-se em sindicatos livres, em cooperativas agrícolas, em comissões de trabalhadores e comissões de moradores. E foi com essa luta organizada e destemida que conquistou todos os direitos consignados na Constituição e nas leis.

Mas esses direitos tinham sido conquistados para sempre? Se não estivermos atentos, não há nada para sempre. Os privilegiados de outrora não abandonaram a ambição por esses privilégios! Aquilo a que assistimos nos últimos anos foi ao recuo, e nalguns casos ao fim, desses direitos. Aquilo a que assistimos nos últimos anos foi ao regresso das situações de miséria para uma importante parte da população, à revisão da legislação laboral, ao trabalho precário e mal pago, ao desemprego, a um mercado de trabalho sem lei que faz da precariedade e do desemprego a sua maior arma contra os trabalhadores. Mas mais: assistimos à aprovação pela anterior maioria de direita da "lei dos despejos" ou "lei Cristas" que transforma os moradores dos bairros sociais em moradores precários, sujeitos a uma fiscalização ilegal que chega ao ponto de um morador não poder acolher ou permitir umas

férias de um filho ou de um familiar sem autorização. Que permite o despejo de moradores sem a ordem de um juiz.

Mas permite também, a pretexto de obras, o despejo, porque de despejo se trata, de moradores e logistas para que triunfem, na baixa lisboeta, os hotéis e as lojas de luxo cujos produtos são uma ofensa à miséria que grassa entre a população portuguesa.

Aumentam nos bairros sociais os moradores sem possibilidades de pagar a água, a eletricidade ou o gás cujos preços aumentaram para valores que se tornam insuportáveis para os ordenados dos portugueses. E os aumentos das rendas, calculados sobre o ordenado bruto, incluindo os impostos que as pessoas pagam e não recebem, levam ao despejo.

É urgente a anulação desta lei pela nova maioria. Que as novas rendas sejam calculadas sobre o que as pessoas recebem.

A situação que vivemos é o reflexo direto da economia de casino de uma banca que não investe na produção mas sim na especulação com as dívidas dos países, no investimento imobiliário enquanto as famílias, empobrecidas, deixam de pagar os empréstimos, ficando sem a casa e com a dívida para pagar.

É uma banca cujas fraudes e gestão ruínosa o povo tem vindo a pagar nos seus salários, nas reformas, na saúde e na educação.

Passa-se esta situação apenas em Portugal? Não, esta situação passa-se em muitos outros países e tende a generalizar-se na Europa devido a uma política errada que quer salvar os bancos impondo aos povos o seu resgate, que quer salvar as economias à custa da miséria e do empobrecimento de quem trabalha e da desregulamentação do trabalho. Uma Europa ao serviço da exploração de quem trabalha, na transformação dos trabalhadores em mão de obra sem direitos e sem defesa.

Em Portugal, no entanto, renasceu uma esperança: uma nova maioria na Assembleia da República já começou a reverter algumas das medidas que a direita portuguesa, em nome do neoliberalismo que perfilha com alguns dirigentes europeus, impôs ao povo português. E relembremos que foram destruídos muitos setores da economia portuguesa em nome dos

"excedentes" europeus e que, hoje, somos forçados a importar o que não produzimos.

A maioria de esquerda na Assembleia da República tem um caminho fácil? Não tem. Mas não tem outro caminho senão reverter as políticas de direita. E vamos chegar a uma realidade que é a impossibilidade de pagar uma dívida que não deixa de crescer e de um Pacto de Estabilidade que destrói as possibilidades de crescimento económico e de pagamento da dívida. É a quadratura do círculo.

O povo tem os olhos postos na nova maioria do Parlamento. Confiamos que é capaz de melhorar a vida das pessoas, já está a fazê-lo mas falta muito mais. Todos nós já estamos a sentir, nas nossas vidas, algumas melhorias: reposição integral dos salários da função pública até outubro; descongelamento das pensões; pagamento dos complementos de reforma aos trabalhadores reformados dos transportes; reposição dos feriados; 35 horas semanais na Função Pública a partir do segundo semestre e propostas para a sua extensão a todos os trabalhadores; reposição dos apoios sociais: complemento solidário para idosos, rendimento social de inserção e abono de família; fim do Contributo Extraordinário de Solidariedade; aumento das deduções no IRS para descendentes e ascendentes; o IVA da restauração passa de 23% para 13%; nova cláusula do IMI que protege as famílias e fim das isenções para fundos imobiliários; subida do salário mínimo para 600 euros até 2018 e em 2016 para 530. E mais medidas se aguardam como, por exemplo, a revisão dos escalões do IRS.

É com esta esperança que termino a minha intervenção, com a esperança de que o 25 de Abril, mais do que uma comemoração, seja uma determinação em não permitir que o seu espírito, o espírito dos capitães que o fizeram, não esteja morto e que vai renascer com a nossa luta.

É com o espírito de luta que, lembrando o 1.º de maio de 1975, saúdo também todos os trabalhadores que nele participaram, desejando que o maio de 2016 tenha o mesmo espírito de luta de então.

Termino a minha intervenção com o poema "Liberdade", de Sérgio Godinho.

Vimos com o peso do passado e da semente

esperar tantos anos torna tudo mais urgente
e a sede de uma espera só se ataca na torrente
e a sede de uma espera só se ataca na torrente

Vivemos tantos anos a falar pela calada
só se pode querer tudo quanto não se teve nada
só se quer a vida cheia quem teve vida parada
só se quer a vida cheia quem teve vida parada

Só há liberdade a sério quando houver
a paz o pão
habitação
saúde educação
só há liberdade a sério quando houver
liberdade de mudar e decidir
quando pertencer ao povo o que o povo produzir.